

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

VINÍCIUS ECKER POZZEBON

PARECER SOBRE A COSMOVISÃO DE ADAM SMITH

UMA ANÁLISE DE SUA MORALIDADE

Caxias do Sul - RS

2022

VINÍCIUS ECKER POZZEBON

PARECER SOBRE A COSMOVISÃO DE ADAM SMITH

Monografia apresentada como requisito final
para obtenção do grau de Licenciatura plena
em Filosofia, Universidade de Caxias do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Matheus de Mesquita
Silveira

Caxias do Sul

2022

VINÍCIUS ECKER POZZEBON

PARECER SOBRE A COSMOVISÃO DE ADAM SMITH

Monografia apresentada como requisito final
para a obtenção do grau de Bacharel em
Filosofia, Universidade de Caxias do Sul

Aprovado em: 13/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lucas Dalsotto
Universidade de Caxias do Sul

Prof Dr. André Brayner
Universidade de Caxias do Sul

RESUMO

O presente trabalho acadêmico tem como objetivo principal uma análise filosófica das relações humanas traçadas pelo filósofo Adam Smith em seu primeiro livro Teoria dos Sentimentos Morais. Serão assinalados os principais conceitos dessa obra e suas importâncias emocionais no nosso processo imaginativo de criarmos um conceito daquilo que julgamos agradável ou desagradável. Mostrando como esse processo imaginativo sentimental é um dos nossos principais sentidos pelos quais acabamos formando nosso senso principalmente no campo da moralidade e da ética. Mas também influencia nossa formação cultural e religiosa. Sendo essa uma visão que muda o paradigma que até então se entendia o papel da razão e das emoções como figurantes das nossas tomadas de decisões autônomas.

Palavras-chave: Sentimentos Morais; Adam Smith; Emotivismo; Simpatia

ABSTRACT

The following academic essay has as its main objective a philosophical analysis of human relations traced by the philosopher Adam Smith in his first book Theory of Moral Sentiments. The main concepts of this work will be highlighted and their emotional importance in our imaginative process of creating a concept of what we consider pleasant or unpleasant. Showing how this sentimental imaginative process is one of our main senses through which we end up forming our sense mainly in the field of morality and ethics. But it also influences our cultural and religious background. Being this a vision that changes the paradigm that until then understood the role of reason and emotions as participants in our autonomous decision-making.

Key-words: Moral Sentiments; Adam Smith; Emotivism; Sympathy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. INFLUÊNCIAS NO IMAGINÁRIO DE SMITH	7
2.1. Estóicos e epicuristas	7
2.2. Mecanicismo de Newton	9
3. OS PRINCIPAIS CONCEITOS DA TEORIA DOS SENTIMENTOS MORAIS	12
3.1. A simpatia	12
3.2. Simpatia e o espectador ideal	15
3.3. Regras e virtudes morais	19
3.4. Religião e cultura	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

1. INTRODUÇÃO

O presente texto pretende fazer uma investigação acerca das avaliações feitas pelo filósofo Adam Smith. Buscando elucidar como é feita sua análise dos princípios pelos quais os homens naturalmente julgam a conduta e o caráter, primeiro de seus próximos, depois de si mesmos. Serão estudados conceitos smithianos como: simpatia, imaginação, amor-próprio, moral e emotivismo. Vendo como eles se relacionam e sua importância na tomada de decisões humanas e como sua influência é tão grande na construção social e ajuda a entendermos de formas mais satisfatórias variações morais e culturais de um estilo de sociedade para outro.

Para um primeiro momento, a apresentação focará em entender o pano de fundo que moldou o pensamento de Adam Smith, assim como que autores e perspectivas o moldaram para chegar em suas conclusões. Em um primeiro momento será remetido a uma volta a uma ideia grega e clássica de moralidade pensando no quesito de virtude, mas com foco maior no epicurismo e estoicismo devido a um foco maior em assuntos ligados a sensações corpóreas como a busca de prazer e a fuga da dor - como um ponto de partida para entendermos a importância dos sentimentos.

Assim por diante, veremos pensamentos que estavam mudando e se encontravam em alta na época de Smith. Tendo como grande destaque a ascensão das ideias iluministas e o florescimento de uma diversificação da maneira de entender o conhecimento científico, no qual se encontra grande importância o mecanicismo newtoniano. Eles são importantes pois fazem parte da maneira que Smith fez sua investigação descritiva da moral e como progride e vai se tornando mais complexa. Por fim, serão explicitados de forma mais detalhada quais sentimentos são mais importantes para Smith, o papel fundamental da simpatia para entendermos melhor nossas emoções e como a imaginação se torna um conceito chave devido ela ser o ambiente que torna todas as engrenagens desse processo possível.

2. INFLUÊNCIAS NO IMAGINÁRIO DE SMITH

Em 2007, o Banco da Inglaterra fez mais uma de suas mudanças de personalidades importantes estampadas em cédulas de Libras Esterlinas. Um dos novos integrantes era o escocês Adam Smith. Na nota, ao seu lado, aparece uma fábrica de manufatura de pinos, não por acaso, o exemplo utilizado por ele para ilustrar que a divisão de trabalho aumentaria a eficiência de uma produção - comportamento que temos hoje praticamente como padrão. Porém, as contribuições econômicas de Adam Smith, que foi a base de sistemas adotados por países europeus, passam inteiramente pela sua filosofia moral, em particular, na compreensão sobre como as pessoas agem. Em outras palavras, o autor realiza sobre o que é ordinariamente tomado como certo ou errado. Neste sentido, é importante saber que autores da tradição filosófica e científica influenciaram sua concepção de moralidade, pois isto torna mais fácil de entender como a teoria smithiana dos sentimentos morais foi concebida.

2.1. Estoicismo e Epicurismo

Como bom leitor de filósofos gregos antigos, suas principais influências parecem terem vindo por duas vertentes que estão entre as principais da filosofia grega antiga: os estoicos e os epicuristas. Ao falar em sua obra sobre dor e prazer, comentou que eles são “os únicos objetos fundamentais de desejo e aversão naturais” (SMITH, 2019, p. 366). Smith parece estar de acordo com os princípios de Epicuro, colocando a busca por prazer e a fuga da dor como parte elementar da natureza humana. Ao comentar sobre como Epicuro vê o papel dos sentimentos, Rocha (2000, p. 8) dirá, que “eles não só distinguem entre o verdadeiro e o falso, mas eram também critérios de escolha, pois distinguem o bem e o mal e eram, assim, a regra de nosso agir”. Mas, é importante deixar claro que as definições de sentimento propostas pelo filósofo escocês ganharam um significado diferente do que tinham na filosofia epicurista.

A simpatia - que veremos com mais detalhes adiante - para Smith, nos permite ir além da nossa sensação individual de prazeres e dores. Em geral, a dor

das pessoas em nossa volta também nos doem. Assim como o prazer delas também nos satisfazem.

Pode parecer extraordinário que esse filósofo, descrito como pessoa das mais amáveis maneiras, jamais observasse que, seja qual for a tendência dessas virtudes ou dos vícios contrários relativos a nosso bem estar e segurança físicos, os sentimentos que naturalmente suscitam em outros são objetos de um desejo ou aversão muito mais passionais do que todas as suas outras consequências; que para o espírito bem disposto, mais vale ser amável, respeitável, ser objeto apropriado de estima do que todo o bem estar e segurança que o amor, respeito e estima podem nos granjear” (SMITH, 2019, p. 370)

Ainda assim, é no estoicismo que reside a maior influência em Smith. Vivenza (2001, p.7) chega a afirmar que “a resistência (ainda que não exclusiva) persistente da filosofia estoica no pensamento de Smith poderia talvez se atribuir precisamente a sua leitura sistemática de primeira mão, de Cícero”. Sua obra por inteira é uma defesa de que nós e a natureza somos obras divinas e então devemos entrar em sintonia com ela. Esta ideia não é estranha ao filósofo escocês, pois, para ele, conseguimos isso no bom domínio dos nossos sentimentos. Em suas palavras, “a felicidade dos homens, assim como todas as outras criaturas racionais, parece ter sido o propósito original do Autor da Natureza quando os criou.” (SMITH, 2019, p.200). Em verdade, de acordo com Reale (1990, p. 261), o ideal estoico apresenta-se dentro dessa ideia de que viver segundo a natureza é o segredo da felicidade. Assim como com o estoicismo, é necessário deixar claro os limites dessa influência. Reale (1990), também ao comentar o estoicismo, lembra que para eles esse viver em harmonia com a natureza leva a uma indiferença com relação aos acontecimentos - levando-se a não se afetar pelos sentimentos.

A parte VI da obra *Teoria dos sentimentos morais* apresenta as virtudes da prudência, benevolência e domínio próprio por meio de uma série de retratos elegantes de variados personagens. Ao mesmo tempo, a parte VII oferece uma breve história da filosofia moral, que enfatiza as contribuições, dentre outros grandes nomes da filosofia, da escola estoica. Essa maneira de concluir o livro reforça a ênfase no caráter virtuoso, em oposição a um procedimento decisório para ações

específicas – ponto que será mais bem discutido no próximo capítulo. O ponto é que isto indica o interesse smithiano de retornar às antigas escolas de filosofia moral que compartilhavam essa ênfase. Em verdade, o autor não endossa nenhum teórico moral antigo de forma acrítica, mas parece ansiar por um renascimento da ética grega antiga, uma recuperação moderna e uma reformulação dos ideais de caráter nos quais essas escolas se concentraram.

2.2 Mecanicismo de Newton

Há um papel fundamental também com as ideias de ciência newtonianas da época. Onde o papel dos pesquisadores era descobrir as engrenagens que moveriam o mundo. Na questão 31 Newton escreveu:

E se a filosofia natural em todas as suas partes, perseguindo esse método, for afinal aperfeiçoada, os limites da filosofia moral serão também alargados. Pois até onde podemos saber pela filosofia natural qual é a Primeira Causa, que poder Ele tem sobre nós, e que benefícios recebemos dele, até que ponto nosso dever com relação a Ele, como com relação a nós próprios, tornar-se-á óbvio pela luz da natureza.” (NEWTON, 1987, p.205).

Seja qual fosse a ciência, era possível achar a resposta na percepção do mundo físico, sendo esta visão conhecida como *mecanicista*¹. A visão de Smith parte dessa ideia descritiva de entender a realidade e seu funcionamento perfeito.

A física aristotélica alegava ontologicamente que compreender o funcionamento interno da natureza era uma das necessidades para se conhecer, enquanto os mecanicistas declararam a impossibilidade da determinação desse funcionamento interno. Dessa maneira, restaria ao filósofo natural apenas fazer uma descrição mais provável a fim de explicar os fenômenos, isto é, formular hipóteses (AURINO e PEDUZZI, 2012, p. 4).

Dentro desse universo mecânico, Smith propôs uma hipótese de como a moralidade funciona e se forma. E dentro dessa posição, olhou para os sentimentos como seu fundamento. É interessante ressaltar que o autor pode ser visto como

¹ Segundo SOARES (2017), o mecanicismo pode ser entendido como uma maneira de ver a natureza subjugada a processos automatizados e que funciona como uma máquina.

oferecendo uma espécie de relato naturalista e sentimentalista de adequação ao criticar as análises intuicionistas de seu tempo. O filósofo escocês coloca que determinados sistemas morais alocam a virtude no aspecto da propriedade ou, então, na adequação da afeição a partir da qual agimos. Isso direciona seu olhar à causa ou objeto que excita o indivíduo e o motiva a realizar um juízo. Como veremos nos próximos capítulos, essa medida precisa e distinta só poderá ser encontrada nos sentimentos simpáticos do espectador imparcial.

Há, além desses sistemas antigos, alguns modernos, segundo os quais a virtude consiste na conveniência, ou na adequação do afeto porque agimos à causa ou objeto que os suscita [...] Nenhum desses sistemas oferece ou sequer pretende oferecer qualquer medida precisa ou distinta pela qual essa adequação ou conveniência do afeto possa ser averiguada ou julgada. Tal medida precisa e distinta não pode ser encontrada em parte alguma, senão nos sentimentos solidários do espectador imparcial e bem-informado (SMITH, 2019, pág. 364-365).

A relação com o mecanicismo newtoniano se revela a partir de uma visão naturalista, na posição smithiana apresenta a análise de que uma ação é errada se, e somente se, for apropriado que o agente nutra ressentimento por ela. Aqui, o filósofo escocês dá um tom distintamente sentimentalista ao conceito de *adequação*. Esse fato normativo consiste na resposta ser endossada por um espectador imparcial e bem-informado, tal qual um cientista que observa a natureza sem se colocar em meio a ela. Fica assim apresentado que a teoria da moral smithiana estava contextualizada dentro de discussões filosóficas e científicas sobre o papel do agente e dos sentimentos em nossas tomadas de decisões.

Podemos estabelecer no início certos princípios conhecidos ou provados a partir dos quais explicamos os vários fenômenos, conectando-os todos juntos pela mesma cadeia. Esse último [método], que podemos chamar de método newtoniano, é sem dúvida o mais filosófico e em cada ciência, quer se trate da moral ou da filosofia natural etc., é imensamente mais engenhoso e, por esse motivo, mais atraente que o outro. Nos dá prazer ver os fenômenos que considerávamos os mais inexplicáveis todos deduzidos de algum princípio (normalmente um princípio bem conhecido) e todos unidos em uma cadeia (SMITH, 1985, pág. 133-134).

Smith, como podemos ver na sua admiração a Newton, empregou no âmbito da moral o mesmo princípio epistemológico. Onde o Universo segue um mesmo ordenamento devido às suas engrenagens e, por esse motivo, podemos averiguar seu funcionamento e compreender seus mecanismos.

3. OS PRINCIPAIS CONCEITOS DA TEORIA DOS SENTIMENTOS MORAIS

Tendo-se uma boa métrica do que influenciou Smith e em que contexto e discussões ele estava inserido, será apresentado neste capítulo uma visão do que consiste a sua teoria moral. Em outras palavras, será realizada uma descrição argumentativa sobre como Smith entendia o papel de sentimentos, da simpatia e qual a participação destas qualidades naturais no campo da moralidade.

3.1. A SIMPATIA

Na Teoria *dos Sentimentos Morais*, Smith procura fundamentar de que maneira se origina a capacidade que o homem tem de provar ou desaprovar as ações humanas a partir do seu senso moral. Para ele, o princípio de aprovação é a própria simpatia. A importância e centralidade deste conceito já pode-se ser notada logo no capítulo de abertura da obra, que leva o nome de *Da Simpatia*. Para Smith (2019, p. 5-6), tal conceito não é, em si, um sentimento. O autor parece entendê-la melhor como uma capacidade de se colocar no lugar do outro através da imaginação e que nos permite sentir algo análogo ao que o outro sente.

Por mais egoísta que se suponha o homem, evidentemente, há alguns princípios em sua natureza que o fazem interessar-se pela sorte de outros, e considerar a felicidade deles necessárias para si mesmo, embora nada extraia disso senão o prazer de assistir ela (SMITH, 2019, p.5).

Sendo a simpatia uma capacidade que nos permite imaginarmos em situações, para então conseguirmos ter sentimentos sobre a circunstância. Deste modo, Smith coloca logo no início da sua obra a tese de que a causa da simpatia é a imaginação. Não há como sentirmos o mesmo que os outros e passarmos por suas contingências de forma também igual. Esse processo imaginativo é importante, pois permite-nos ter uma sensação mais palpável de uma experiência direta.

Quando um golpe está prestes a ser desferido sobre a perna ou braço de outra pessoa naturalmente encolhemos e retiramos nossa própria perna ou braço; e, quando o golpe é finalmente desferido, de algum modo o sentimos e somos por ele tão atingidos quanto quem de fato o sofreu (SMITH, 2019, p.6).

Smith (2019) apresenta uma teoria acerca da natureza da simpatia e, conseqüentemente, da aprovação moral e avaliativa. O referido conceito, na perspectiva smithiana, refere-se à capacidade do indivíduo de projetar-se imaginativamente na posição de outra pessoa, em vez de mero contágio emocional, associação ou inferência. Na definição oficial do autor, a simpatia consiste na concordância entre o que se pensa que o outro realmente sente e o que se sente como resultado de se colocar no lugar do outro. A aprovação, neste caso, é a sensação agradável que resulta da percepção dessa intersubjetividade. Segundo Fleischacker (2019, p. 28-31), isto se dá de forma que, simultaneamente, confirma uma natureza humana comum e distingue perspectivas diferentes dentre os indivíduos.

Embora a explicação do *senso de propriedade* possa ser descrita como a teoria dos juízos morais smithiana, ele a considera uma explicação perfeitamente geral de avaliação, englobando crença, senso de humor ou decisões de negócios. Quando se trata de julgamentos de mérito ou demérito moral, o que conta é nossa simpatia pela gratidão e ressentimento dos afetados pela ação, por um lado, e pelos motivos do agente, por outro. Desta forma, Smith (2019) reconhece que a aprovação moral exige que se parta do ponto de vista pessoal em direção ao que será conhecido como *perspectiva do observador ideal*.

Mas estas [ressentimento e gratidão], como todas as demais paixões da natureza humana, parecem apropriadas e aprovadas quando o coração de cada espectador imparcial simpatizar inteiramente com elas, quando cada observador indiferente delas participa e partilha inteiramente (SMITH, 2019, pág. 84).

A figura de um espectador imparcial também desempenha um papel fundamental no relato de Smith (2019) sobre a natureza dos juízos morais. Kauppinen (2010, p. 236-239) argumenta que isso pode ser visto em termos psicológicos contemporâneos como uma forma de regulação emocional por meio de reorientar a atenção e reavaliar o significado da ação. Afinal, queremos que os outros simpatizem conosco (e, assim, nos aprovelem), nos esforçamos para trazer nossas paixões a um nível que um espectador imaginado, informado e imparcial, possa simpatizar.

A capacidade de termos simpatia se entende como a base dos nossos sentimentos morais. Através dela podemos ter emoções geradas e termos a sensação de aprovação ou desaprovação que não teríamos caso não fossemos capazes de senti-la. Todavia, ela não é, em si, um sentimento. Então apesar de ela ser a peça central da teoria smithiana, é preciso entender o porquê é através da simpatia que temos nossa lente de aprovação ou desaprovação. Nesse sentido, um sentimento fundamental em sua teoria será o *amor-próprio*. Uma vez que a simpatia é neutra e me põe no lugar do outro, será com base neste sentimento que eu consigo imaginar como eu me sentiria naquela situação específica.

A simpatia não é um sentimento egoísta. É verdade que quando me identifico com o seu pesar ou sua indignação é importante dizer que minha emoção se funda no amor-próprio, porque assumo sua situação, coloco-me no seu lugar e sinto o que o outro sente em tais circunstâncias. Ainda que seja correto argumentar que a simpatia surge de uma imaginária troca de papéis, ela tem lugar na minha própria pessoa (SMITH, 2019, p. 554).

É feita essa distinção entre amor-próprio e egoísmo pois, num primeiro momento, ambos os conceitos podem parecer muito próximas. Mas, dentro do sentimentalismo smithiano e, estando a moralidade fundamentada nos sentimentos, é esperado que os juízos de aprovação e censura sejam construídos a partir da natureza do próprio sujeito. Uma vez que não é possível sentir com exatidão tudo o que o outro sente, a ideia da simpatia, somada ao sentimento de amor-próprio, cria uma boa base para conferir o epíteto *moral* aos sentimentos. A intersubjetividade afetiva será, portanto, totalmente necessário na construção da moralidade. Em outras palavras, o reconhecimento do outro é necessário para que se alcance à moralidade.

Se fosse possível que uma criatura vivesse em algum lugar solitário até alcançar a idade madura, sem qualquer comunicação com sua espécie, não poderia pensar em seu próprio caráter, a conveniência ou demérito de seus próprios sentimentos e conduta, a beleza ou deformidade de seu próprio espírito, mais do que na beleza ou deformidade de seu próprio rosto. [...] Tragam-no para a sociedade, e será imediatamente provido do espelho de que antes carecia (SMITH, 2019, p.140).

Segundo o filósofo escocês, o amor é a paixão que precisa ser entendida como mais forte. Smith (2019, p. 26) chega a comentar sobre essa maneira de inverter a máxima cristã de “ama ao próximo como a ti mesmo” para “ama a ti mesmo como tu amas o teu próximo”. Aqui, ele aponta o amor-próprio como sendo o caminho para encontro de virtudes como o senso de justiça e a prudência, sendo este a primeira forma para o *amor ao outro*.

Se examinarmos as mais célebres e notáveis dentre as diversas teorias a respeito da natureza e origem de nossos sentimentos morais, veremos que quase todas elas coincidem em alguma parte ou outra com o que venho me esforçando em considerar; e que, se tudo o que já foi dito for plenamente levado em conta, não será difícil explicar qual visão ou aspecto da natureza levou cada autor particular a formar seu sistema particular. Talvez todo sistema de moralidade que gozou de alguma reputação no mundo derive fundamentalmente de um ou outro dos princípios que venho tratando de desdobrar. Como nesse aspecto todos se fundam sobre princípios naturais, estão todos em certa medida corretos. Porém, como muitos deles derivam de uma visão parcial e imperfeita da natureza, há também muitos errados em alguns aspectos. (SMITH, 2019, p. 333).

A ideia de uma ciência da moralidade – vide a influência de Newton em sua filosofia - é o meio pelo qual Smith entende ser possível decifrar a nossa natureza moral. Logo, para compreender o fenômeno moral, torna-se necessário uma compreensão do que se compõe a natureza humana.

3.2 SIMPATIA E O ESPECTADOR IDEAL

Com os pontos metodológicos apresentados no capítulo 2 em mente, passemos ao conteúdo da obra *Teoria dos Sentimentos Morais*. Como vimos, Smith (2019) começa o livro com um relato de simpatia, que ele descreve como surgindo quando imaginamos como nos sentiríamos nas circunstâncias dos outros. A conceptualização projetiva do autor abre a possibilidade de que nossos sentimentos para com o outro não correspondam, necessariamente aos que ele, de fato, sente. O filósofo escocês reforça que, até certo ponto, os afetos nunca se igualarão, posto que imaginar a si mesmo em um conjunto de circunstâncias nunca terá a intensidade de realmente experimentar essas circunstâncias.

Mas depois de tudo isso as emoções do espectador muito provavelmente ainda não alcançarão toda a violência do que o sofredor sente. Embora naturalmente solidário, o homem nunca concebe o que sobreveio a alguém com aquele grau de paixão que naturalmente anima a pessoa atingida. Essa mudança imaginária de situação, sobre a qual se baseia sua simpatia, é apenas momentânea. O pensamento de sua própria segurança, o pensamento de que não é ele próprio o verdadeiro sofredor, constantemente se faz presente; e embora não o impeça de conceber uma paixão de certa forma análoga à que experimenta o sofredor, impede-o de concebê-la com o mesmo grau de intensidade. (SMITH, 2019, p. 22).

A diferença acima exposta é de grande importância, pois Smith (2019, p. 110-13, 135-36) sustenta que tentar compartilhar os sentimentos dos outros o mais próximo possível é um dos nossos principais impulsos na vida. Será exatamente esse processo de ajuste emocional mútuo que dará origem à virtude, tais como o autocontrole, na medida em que as pessoas principalmente envolvidas se abstêm de sentir, ou pelo menos expressar, por exemplo, tristeza ou alegria. Da mesma forma, virtudes como a compaixão e a humanidade surgem na medida em que os espectadores se esforçam para compartilhar dos prazeres e sofrimentos alheios.

A posição smithiana aponta que tanto o que sentimos, quanto os padrões pelos quais julgamos os afetos alheios, não precisam ser idênticos aos sentimentos e padrões que são correntes em nossa sociedade. Para Smith (2019, p. 129, 135), o espectador real julga erroneamente situações por interesse próprio ou ignorância, fazendo-se necessário que o juízo moral ocorra com base nos sentimentos que um espectador bem-informado e imparcial sentiria. Smith (2019, p. 18) coloca que, se analisarmos o caso a partir de nossa própria sensibilidade, descobriremos que os sentimentos por ele ocasionados coincidem e concordam com os nossos, e, portanto, necessariamente os aprovamos. Ou seja, ter simpatia para com os sentimentos de outra pessoa é aprovar esses sentimentos, e simpatizar como pensamos que um espectador imparcial faria é aprovar moralmente esses sentimentos.

Como se nos revela amável aquele cujo coração solidário parece fazer eco a todos os sentimentos daqueles com quem conversa, que sofre com as suas calamidades, que se ressenha com as

ofensas de que foram vítimas, e se alegra com sua boa fortuna! Quando nos colocamos na situação de seus companheiros, partilhamos da gratidão que experimentam e percebemos que consolo necessariamente retiram da terna simpatia de um amigo tão afetuoso. E, pelo motivo oposto, como nos parece desagradável aquele cujo coração duro e obstinado sente apenas com relação a si mesmo, e é totalmente insensível à felicidade ou desgraça dos outros! Nesse caso também, partilhamos da dor que sua presença deve causar a todo mortal com quem conversa, especialmente aqueles com quem somos mais capazes de simpatizar, os infelizes e os ofendidos (SMITH, 2019, p. 25).

As normas morais expressam os sentimentos de um espectador imparcial. Seja por parte de uma pessoa motivada a agir ou advindo de alguém que sofreu a ação de outros, o sentimento será digno de aprovação moral se, e somente se, um espectador imparcial simpatizar com esse sentimento. Em verdade, Smith (2019, p. 25) coloca que ter um sentimento correto é difícil e, portanto, é uma virtude; do contrário, a pessoa age dentro dos limites da *propriedade*². Assim, as normas e ideais morais, e os julgamentos pelos quais nos guiamos em direção a elas, surgem do processo pelo qual tentamos alcançar uma simpatia mútua.

Olhando para a maneira que a filosofia smithiana entende o que é, e como acontece, a simpatia, fica evidente como a moralidade tem uma forte relação com o outro - não só no sentido de como agir, mas da sua própria construção no indivíduo. É através dela que, em situações hipotéticas ou de terceiros, passa a nossa mente, engatilhando um processo de aprovação ou desaprovação. Em suas próprias palavras, "a primeira como objeto de aprovação, honra e recompensa, a outra, de vergonha, censura e castigo" (SMITH, 2019, p.391). A imaginação é o meio pelo qual nos vemos em uma cena e nos analisamos nela, despertando esses sentimentos, os quais podem ser positivos ou negativos.

Por intermédio da imaginação podemos nos colocar no lugar do outro, concebemo-nos sofrendo os mesmos tormentos, é como se entrássemos no corpo dele e de certa forma nos tornássemos a mesma pessoa, formando, assim, alguma ideia das suas sensações, e até sentindo algo que, embora em menor grau, não é inteiramente diferente delas (SMITH, 2019, p.6).

² Propriedade na obra de Smith pode ser entendido como "adequação, conveniência, decoro, legitimidade" (SMITH, 2019, p. 5).

Pelo previamente exposto, a moralidade dependeria do contexto e seria, portanto, situacional. Em outras palavras, depende de como o indivíduo se sentiria sob determinada ação específica ou como percebeu os outros reagindo a tal situação. De fato, Smith (2019, p. 230) coloca que, “suponhamos que somos espectadores de nosso próprio comportamento e tratamos de imaginar que efeito isto produz em nós. Este é o único espelho mediante o qual podemos [...] controlar com os olhos dos demais a correção de nossa conduta”. De acordo com Ganem (2002, p. 109), esse comentário também faz referência a “ideia humeana de que os espíritos dos homens são espelhos uns para os outros, o que por sua vez reflete o fato de que o homem não vive isolado, estando constantemente em frente a um espelho”. Aqui, cabe à esfera do indivíduo determinar um comportamento como justo ou injusto, mostrando um contexto situacional. Em outras palavras, o que é aprovado que sempre está circunscrito dentro da circunstância onde o ato está inserido.

Como foi dito anteriormente, a sociedade funciona como espelho para determinarmos nossas ações. Porém, o papel da simpatia e do amor-próprio não se dá somente sendo um espectador imparcial de uma situação. Eles também nos auxiliam a moderar nossas próprias ações e sentimentos. Mais do que não ser lesados, também queremos ser aceitos. E de maneira geral, isso ocorre ao sermos bons uns aos outros. “O desejo de nos tornarmos objetos apropriados desse respeito, de merecer e alcançar esse crédito e posição entre nossos iguais, é talvez o mais forte de todos os nossos desejos.” (SMITH, 2019, p.265). Apesar de ver na prudência uma virtude do amor-próprio, que cria agentes agradáveis aos outros, para a posição smithiana, a virtude mais ideal para alguém seria a benevolência causada pela simpatia. Smith (2019, p. 166) questiona que virtude poderia ser maior do que aquela que sacrifica a própria vontade para que a vontade dos outros prevaleça? A ideia de simpatia e imaginação podem ser confundidas, mas como alertou Dupuy:

Para compreender a originalidade do conceito smithiano de simpatia, deve ver-se que se enraíza dentro de uma visão muito moderna da sociedade, que põe em primeiro plano a radical solidão dos seres, a distância irredutível que os separa e que só pode ser eliminada no imaginário (DUPUY, 2019, p.230).

Por intermédio da imaginação, o observador consegue apreender a condição de seu semelhante e, assim, manifestando aquilo que o filósofo escocês conceituou como sendo a *simpatia*. Esse elemento central da teoria dos sentimentos morais, a saber, a capacidade de se imaginar em uma situação para chegar a ter certa compreensão daquela experiência, só é para o autor possível no campo imaginativo.

Simpatia não é um sentimento egoísta. É verdade que quando me identifico com o seu pesar ou sua indignação é importante dizer que minha emoção se funda no amor-próprio, porque assumo sua situação, coloco-me no seu lugar e sinto o que o outro sente em tais circunstâncias. Ainda que seja correto argumentar que a simpatia surge de uma imaginária troca de papéis, ela tem lugar na minha própria pessoa (Smith, 2019, p. 554).

Há um paralelo dos sentimentos vivenciados entre o ator e o espectador da cena. Isto torna possível haver uma identificação entre um e o outro. Essa troca - e até cópia afetiva - é o que torna possível afirmar que um isolamento do ser humano, um individualismo radical, não está de acordo com a ideia de moralidade smithiana. Em suma, é um movimento saindo de si para outro. Todavia, é isto o que torna possível a construção de sentimentos que consideramos morais - como a justiça, o altruísmo e a benevolência.

3.3 REGRAS E VIRTUDES MORAIS

Smith (2019, p. 156-66) distingue dois tipos de ações normativas, a saber, regras e virtudes. As regras morais, formadas com base em nossas reações a instâncias específicas – por exemplo, quando dizemos a nós mesmos *nunca farei isso* –, impedem certos tipos de comportamento desviante, como o assassinato, o estupro e o roubo. Nesse caso, esta disposição é essencial à justiça, colocada pelo autor como essencial para que sociedades se perpetuem³. O filósofo escocês

³ Para Sanches (2013 p. 324), há em Smith uma diferença de justiça para as outras virtudes. Uma vez que a primeira são regras impostas, já as regras morais apesar de serem desejáveis, não devem ser exigidas sob o peso da lei. “Poder-se-ia esperar que tais argumentações os levassem a visar ao estabelecimento de um sistema do que se poderia chamar, com propriedade, de jurisprudência natural, ou uma teoria dos princípios gerais que deveriam perpassar e fundamentar as leis de todas as nações.” (SMITH, 2019, p. 427). Essas regras universais, que seriam de uma quantidade limitada, são as ações das quais é impossível se perpetuar sem.

acrescenta que *regras* permitem que pessoas não totalmente virtuosas apresentem um mínimo de decoro e decência, auxiliando-nos a atravessar o *véu da autoilusão*, através do qual deturpam nossas ações para nós mesmos. (SMITH, 2019, p.158, 162-63).

O homem que deseja praticar ou realmente pratica uma ação louvável pode igualmente desejar o louvor que é devido à ação, e às vezes talvez mais do que o devido. Nesse caso, os dois princípios se mesclam um ao outro. Em que medida sua conduta foi determinada por um, e em que medida foi determinada pelo outro, eis o que frequentemente ele mesmo desconhece. Quase sempre os outros tampouco sabem que estão predispostos a diminuir o mérito de sua conduta imputam-na principal ou inteiramente ao mero amor ao louvor ou ao que chamam mera vaidade. Os que se inclinam a considerá-la de modo mais favorável imputam-na principal ou inteiramente ao amor a ser louvável, ao amor ao que é realmente honroso e nobre na conduta humana; não apenas ao desejo de obter, mas ao de merecer a aprovação e aplauso de seus irmãos (SMITH, 2019, p. 158).

A virtude, por sua vez, requer mais do que simplesmente seguir regras morais. Smith (2019, p. 47) coloca que as disposições afetivas precisam ser reconfiguradas para que não apenas *afetem* os sentimentos do espectador imparcial, mas que os *adotemos*, no sentido de nos identificarmos com eles e nos tornarmos, na medida do possível, um espectador imparcial. Se formos verdadeiramente virtuosos, a submissão a certas regras limitará tudo o que fizermos. Todavia, dentro desse quadro, operamos sem regras, procurando moldar-nos pela técnica, tal qual um artista molda o seu barro, de modo a desenvolvermos disposições à devida gratidão, bondade, coragem, paciência e perseverança.

A posição smithiana parece indicar mais uma ética pautada por virtudes, do que um sistema moral baseado unicamente em regras. O ponto de distinção desta posição é a tentativa, por parte do autor, de incorporar algumas intuições referentes a outros sistemas éticos e políticos⁴. Afinal, está posto que a pessoa precisa se

⁴ Este é um ponto trabalhado pelo filósofo escocês com algum detalhamento. Em particular, em sua análise do tipo e grau de virtude apropriado à política liberal moderna e à sociedade comercial. O objetivo desta monografia não é realizar qualquer comparação entre autores, mas apenas apresentar a reconstrução do argumento do filósofo escocês. Todavia, Dwyer (1987, capítulo 7) aponta certo pessimismo em relação à virtude em Smith, encontrando paralelo com as preocupações de Rousseau sobre a corrupção forjada pelo comércio. Em contrapartida, o relato smithiano sobre a virtude parece

submeter a regras gerais e, conforme visto anteriormente, é plausível supor que confiar apenas no sentimento pode alimentar o autoengano mediante o *véu da ilusão*.

Smith (2019, p.188) reconhece que, de fato, julgamos ações tanto por seus efeitos, quanto pelas intenções de quem a realizou. Ele avança na defesa que esta forma de julgamento é apropriada, desde que sejam considerados os efeitos como são pretendidos, e não apenas como ocorreram factualmente. No sentimentalismo smithiano, o valor moral da ação depende em certa medida das consequências, mesmo que sua propriedade se dê independentemente desta. Para o autor, o ponto é que esses são dois elementos distintos dos juízos morais, mas o primeiro tem maior importância que o segundo. Mesmo assim, ele admite que, em alguns casos, as consequências de uma ação – quando ameaçam a própria sobrevivência de nossa sociedade, por exemplo – podem superar todas as outras considerações (SMITH, 2019, p. 90-91).

A sociedade, entretanto, não pode subsistir entre os que estão sempre prontos a se ferir e ofender mutuamente. No momento em que se instalam ressentimento e animosidade mútuos, rompem-se todos os elos da sociedade, e os diferentes membros de que ela consistia ficam como se dissipados e espalhados pela violência e oposição de seus afetos discordantes. Se existe qualquer sociedade entre ladrões e assassinos, estes pelo menos devem, segundo o senso comum, abster-se de roubar e assassinar uns aos outros. A beneficência é, assim, menos essencial à existência da sociedade que a justiça. A sociedade poderá subsistir, ainda que não segundo a condição mais confortável, sem beneficência, mas a prevalência da injustiça deverá destruí-la completamente (SMITH, 2019, p.107).

O objetivo não é obter o que deveria ser feito, mas uma moral descritiva na qual está buscando compreender como as pessoas agem. Portanto, não é uma investigação sobre *buscar agir de forma certa*, mas sobre o que é *ordinariamente tomado como certo ou errado*. Isso levou Harrison (1995, p. 109) a comentar que a

retrabalhar e, ao mesmo tempo, manter, os mais altos ideais das tradições cristã e greco-romana, conforme apresentado no primeiro capítulo. Isto sugere que há uma disposição no autor para defender estes ideais mesmo nas sociedades comerciais modernas, o que colocaria sua posição como crítica, e não endosso, da filosofia política rousseauiana.

teoria smithiana está “no mínimo, bem perto de ser uma moralidade estética”. Falando sobre arte, ela tem a capacidade de nos deixar satisfeitos, felizes, tristes ou até incomodados. Através da contemplação, conseguimos fazer o papel do espectador imparcial, sem que necessariamente nós precisemos passar pela experiência na realidade. A arte passa a ser participante dos elementos do juízo – neste caso, estético –, passando pelos mesmos critérios de percepção e imaginação. A própria ideia de precisarmos da aceitação social poderia ser caracterizada como estética. Pois, para Fudge (2009, p. 109), ela também passa pelos sentimentos de prazer e desagrado. De fato, Griswold (1999, p. 111) coloca que “esse agrado é o que pode ser chamado de estética, pois ele consiste na apreensão de harmonia, simetria, e paz entre si e o outro”. Na questão do que é o belo, a estética teria um valor importante, pois assim como na moral, ela é relativa aos afetos.

Com relação a simpatia, as peças teatrais podem ser vistas como o exemplo ideal para entender essa questão. Uma vez que o sentimentalismo smithiano se baseia quase inteiramente na ideia de espectador, espetáculo e imaginação. Vendo que peças teatrais fazem grande uso dos dramas humanos, Harrison (1995, p. 109) comenta que “é difícil dizer se ele [Adam Smith] acredita que [o amor da virtude e sabedoria] é mais primorosamente belo por ser mais moral, ou mais moral por ser primorosamente belo”. Uma vez que as expressões de sentimentos demonstram ter atitude estética, é plausível considerar que as próprias virtudes sejam motivo de admiração e de apreciação.

Pode-se dizer a mesma coisa com relação a busca pela verdade e o porquê de ela fazer parte de uma atitude ética virtuosa. Ao comentar as contribuições científicas recentes de sua época, como o sistema astronômico copernicano e as leis gravitacionais newtonianas, o filósofo escocês comenta como essas descobertas revelam uma ordem. A sensação de que algo que não foi compreendido no passado foi agora abrangido por nosso conhecimento, o que nos dá uma sensação de ordenamento e harmonia que antes estavam em falta. Dito de outra forma, um nível elevado de simetria que até então não podia ser visto. Porém, para Smith (1985, p. 58-59), ao termos contato com algo que nos deixa espantado, muitas vezes acabamos sendo levados pela admiração, principalmente de algo que nos parece

bom. Ora, a admiração, diferente do espanto, é um dos estímulos da imaginação. Portanto, consiste num dos fatores que nos permite aprimorar conhecimentos já existentes. Ao comentar a teoria cosmológica aristotélica, Smith escreveu:

Se isso ganhou a crença da humanidade por sua plausibilidade, isso atraiu seu espanto e admiração; sentimentos que confirmam ainda mais suas crenças, pela novidade e beleza dessa visão da natureza que é apresentada à imaginação (SMITH, 1985, p. 59).

Exatamente por ser um sistema ordenado e estético, o argumento sentimentalista smithiano levou admirações de diversos pensadores, os quais se motivaram a especular mais sobre o tema e o elevá-lo para um nível de entendimento ainda maior. É interessante notar como essa abordagem de admiração dialoga com pessoas que cremos ser exemplos morais. O ponto é que aqueles que agem eticamente, ao vermos realizar uma atitude correta, também suscitam em nós admiração.

Originalmente, aprovamos o julgamento de outro homem não como algo útil, mas como algo certo, acurado, conforme à verdade e à realidade: e é evidente que se lhe atribuímos essas qualidades é porque descobrimos que concorda com o nosso próprio julgamento (SMITH, 2019, p.20).

E dessa forma que a posição smithiana tenta buscar o que seria aquilo que entendemos como virtudes. Em outras palavras, aquelas ações que trazem uma sensação agradável. Temos simpatia com o ressentimento daquele que é ofendido em seus direitos e do prazer que sentimos em ver o culpado punido (SMITH, 2019, p. 86). Da mesma forma, uma ação que seja útil para sociedade, mas motivada por um sentimento injusto, seria imoral. Talvez o melhor exemplo disso sejam as ações de altruísmo e benevolência visto que somos muitas vezes somos levados por esse sentimento, mesmo que, ao não praticarmos, eles não acarretem punição.

Daí resulta que sentir muito pelos outros e pouco por nós mesmos, restringir nossos afetos egoístas e cultivar os benevolentes, constitui a perfeição da natureza humana; e somente assim se pode produzir entre os homens a harmonia de sentimentos e paixões em que consiste toda a sua graça e propriedade (SMITH, 2019, p.26).

Nos arriscarmos pelos outros muitas vezes não nos faz retornar benefícios. Mas, seria a forma mais bela de levar a ética de acordo com o sentimentalismo smithiano. Se amar é querer sempre a preferência ou o melhor para si, ser simpático é entender que o outro gostaria de ter o mesmo tratamento. Por isso, fazer os outros felizes geralmente acarretará a própria felicidade do indivíduo. Uma vez que esses sentimentos são compartilhados, tem-se o fundamento de muitas grandes alegrias de uns resultarem em sentimentos negativos como de inveja. O ponto é que o outro reconhece a sua alegria com facilidade, mas dependendo do tipo de vínculo social estabelecido, pode não achar o outro merecedor e, então, não reconhecer seu trabalho para atingir tal meta.

Mais do que o papel de contribuidores para uma boa vida social, tais pessoas apresentam graus de admiração umas pelas outras, instigando a maioria a querer ser como eles. Esse comportamento se apresenta nas mais diversas áreas humanas, em nossa admiração por grandes artistas como músicos, escritores e pintores. Da mesma forma, ela está presente nas áreas dos conhecimentos, como a filosofia e a ciência. A integridade desse sistema faria a ordem social funcionar de forma dinâmica - algo que também seria agradável aos sentimentos. Assim como na moral, nossos valores e julgamentos não são tirados do nada. De fato, eles têm bases naturais, entretanto são colocados em vista mediante a sociedade, a qual também pode desvirtuá-los. Por isso, o sentimentalismo smithiano reconhece diferenças culturais ou modas estéticas que mudam com o passar dos anos. Porém, é importante ver que algumas essências são imutáveis:

Certas cores são mais agradáveis do que outras, e dão mais deleite ao olho na primeira vez que as contempla. Uma superfície macia é mais agradável do que outra áspera. A variedade agrada mais do que uma uniformidade tediosa e sem diversidade. A variedade conexa, em que cada nova aparição parece ser introduzida pelo que a antecedeu, e em que todas as partes reunidas parecem manter uma relação natural entre si, é mais agradável que o amontoado desconexo e desordenado de objetos sem nenhuma relação entre si (SMITH, 2019, p.246).

Nesse sentido, Smith (SMITH, 2019, p.260) argumenta que há certos

comportamentos que são indesculpáveis em qualquer sociedade. Se, por alguma razão, a sociedade em geral não conseguir notar tamanha incongruência, ela estará fadada ao fracasso; como, por exemplo, o infanticídio na Grécia Antiga, onde era permitido sacrificar os próprios filhos sob determinadas circunstâncias⁵. A normalização desse comportamento era tão grande, que o autor comenta como até Aristóteles e Platão aprovaram tal comportamento. De fato, a inter-relação entre a natureza humana, com a simpatia e os sentimentos, e a sociedade, com a religião e a cultura, é o ponto central para entender o fenômeno moral sob a óptica da filosofia smithiana.

3.4 RELIGIÃO E CULTURA

Smith (2019, p.163-66) reforça uma preocupação em desenvolver uma fenomenologia moral precisa e, neste sentido, busca entender o papel que a religião e a cultura desempenham na vida das pessoas. O autor lida com o aspecto teológico explicando por que crentes na providência divina tendem a atribuir virtudes e notável preocupação com nossa temência a tais poderes. Aqui, no entanto, está se falando em verdade sobre regras morais, uma vez que a elas são atribuídas o aspecto de *leis divinas*. Neste caso, sua relevância ao fenômeno moral se deve a que são vistas como uma forma de *cooperar com a divindade*, em uma analogia ao que consistiria num governo do universo. O filósofo escocês argumenta que, por exemplo, a crença na vida após a morte pode ser necessária à visão do universo como justo e, por sua vez, isso é importante para a manutenção de compromissos sociais para com o valor atribuído a ações morais. Em contrapartida, ele também deixa claro que qualquer religião que dê prioridade ao ritual ou credo sobre a moralidade é funesta e representa graves perigos para uma sociedade decente e pacífica (SMITH, 2019, p. 164-70, 176-77).

Ainda que a aprovação de sua própria consciência mal consiga, em ocasiões extraordinárias, contentar a fraqueza do homem, ainda que o testemunho do suposto espectador imparcial, do grande habitante do peito humano, nem sempre consiga, por si só, dar-lhe guarida, a influência e autoridade desse princípio é, em

⁵ Como explica Coulanges (1999), apesar de não haver uma lei imposta sobre o tema, a total liberdade que havia sob o chefe do lar de tomar decisões em relação a seus filhos de forma irrestrita, fazia do infanticídio um crime sem punições e normalizado.

todas as ocasiões, enorme; e é apenas consultando esse juiz interior que poderemos ver o que nos diz respeito em sua forma e dimensões apropriadas; ou que poderemos estabelecer uma comparação apropriada entre nossos interesses e os de outras pessoas (SMITH, 2019, p.164).

O que a posição smithiana aponta é uma influência de alguma espécie de autoridade nos nossos comportamentos. Da mesma forma que o indivíduo se veria lesado sendo vítima de algum crime, pode-se acreditar que seria digno de sentimentos negativos como a vergonha ao ser reprovado por cometer um delito. Então, por mais que não entenda ou aja diretamente a partir de uma boa vontade, esse poder de autoridade torna possível uma sociedade cujo comportamento é mais aprazível num sentido moral. Da mesma maneira, a ideia de cumprir suas obrigações com os outros pode gerar sentimentos de gratidão e serem um estímulo para o cultivo de ações virtuosas (SMITH, 2019, p.195-96).

Sem esse sagrado respeito às regras gerais, não existe homem em cuja conduta se possa confiar demasiadamente. Isso é o que constitui a maior diferença entre um homem de honra e princípios e um sujeito indigno. O primeiro segue, em todas as ocasiões, suas máximas firme e resolutamente, e conserva por toda a sua vida a mesma regularidade de conduta (SMITH, 2019, p.197).

Esse respeito por regras de conduta serem buscados, mesmo em contextos nos quais sua quebra não seja punida, é entendida por Smith (2019, p. 197-200) como princípios próprios de uma divindade que estão embutidos na natureza. Isto é colocado, pois nada escapa da observação e um possível julgamento de um Ser onipresente. Neste sentido, a religião é colocada como uma reguladora para a moralidade humana evoluir de forma mais rápida em sociedade. Entretanto, é importante esclarecer que, dentro do sentimentalismo smithiano, isso não significa que do fato de o senso de julgamento estar sempre presente através do temor, a religião não nos faz agir apenas pelo sentimento de medo de um castigo. Ela também nos inclina a querer agirmos corretamente e isso nos causa satisfação.

Como estas, são regras para ordenar as ações livres dos homens; são prescritas mais acertada mente por um superior legítimo, e também resultam na sanção de recompensas e punições, Pois os vice-reis de Deus dentro de nós nunca deixam de punir a violação delas com os tormentos da censura interna e autocondenação, e,

ao contrário, sempre recompensam a obediência com tranquilidade de espírito, contentamento e autossatisfação (SMITH, 2019, p.200).

A concepção de leis da moralidade torna mais fácil a assimilação da importância de praticá-las. A posição smithiana coloca que sua prática leva à uma sociedade onde o convívio dos seus indivíduos é mais agradável e assim ajudando para aquilo que o autor acredita ser o fim último do ser humano: a felicidade. (SMITH, 2019, p. 200). O aspecto da cultura é trabalhado por Smith (2019, livro V) sob o título *Da influência do uso e costumes sobre os sentimentos de aprovação e desaprovação moral*. Aqui, o autor reconhece a influência das opiniões predominantes em cada sociedade sobre todos os tipos de juízos de valor, admitindo que aquilo considerado como virtuoso varia até certo ponto de acordo com diferenças culturais⁶. O autor ressalta que estas diferenças não preocupam, afinal, são questões de ênfase e não tendem a afetar o padrão de comportamento de uma sociedade. Em outras palavras, uma conduta geral tende a não variar em sua essência, visto que, de outra forma, nenhuma sociedade poderia sobreviver (SMITH, 2019, p. 209-11).

A filosofia smithiana parte principalmente da nossa sensibilidade estética para mostrar a grande variedade que encontramos de gostos, e também em como eles oscilam de tempos em tempos e de cultura para cultura. Aqui as variações vão desde a mobília ou a moda, até, embora de forma menos variante, a poesia e a música. O seu uso desses exemplos serve para mostrarmos como o mesmo comportamento e semelhança existe na moralidade.

Quando os usos e costumes coincidem com os princípios naturais do certo e do errado, aumentam a delicadeza de nossos sentimentos, e intensificam nosso horror a tudo que se aproxime do mal. Os que realmente foram educados junto à boa companhia, [...] que foram acostumados a enxergar nas pessoas a quem estimam e com quem convivem nada além de justiça, modéstia, humanidade e boa disposição, ficam mais agastados com tudo que pareça inconsistente com as regras prescritas por essas

⁶ Por exemplo, o filósofo escocês ressalta que os franceses valorizam a polidez mais do que os russos, e os holandeses valorizam a frugalidade mais do que os poloneses (SMITH, 1996, p. 204). Ao mesmo tempo, ele coloca que as classes ociosas, em todos os países, tendem a ser menos rígidas em relação aos costumes sexuais do que as classes trabalhadoras (SMITH, 1996, p. 794).

virtudes. Ao contrário, os que tiveram o infortúnio de ser criados no meio da violência, licenciosidade, falsidade e injustiça, perdem não apenas todo o senso da inconveniência de tal conduta, mais ainda todo o senso de sua terrível enormidade, ou da vingança e castigo que lhe são devidos. Familiarizam-se com esses vícios desde a infância, o costume tornou-os habitual, e estão muito predispostos a considerá-los como o que se chama o jeito do mundo, algo que pode ou deve ser praticado para impedir que sejamos logrados por nossa própria integridade. Também o uso por vezes dará reputação a certo grau de desordem, e, ao contrário, desencorajará qualidades que merecem estima (SMITH, 2019, p. 247).

As diferenças culturais são relativas ao modo como opera a simpatia. Afinal, sua condição em um ser humano pode levar a diferentes níveis de seu funcionamento, com o mesmo ocorrendo com a imaginação. Esses aspectos relativos causam as diferenças culturais e o desequilíbrio entre quais aspectos são mais valorizados ou menos importantes para um povo. Um exemplo dado pelo filósofo escocês é o de povos bárbaros, cuja condição de sobrevivência é crítica e força fundamental. Fazendo assim que aspectos morais mais refinados não possam ser valorizados.

Todo selvagem experimenta uma espécie de disciplina espartana e, pela necessidade de sua situação, acostuma-se a toda a sorte de durezas. Está em contínuo perigo, frequentemente exposto a extremos de fome, não raro morre de pura carência. Suas circunstâncias não apenas o habitua a toda sorte de aflição como o ensinam a não dar vazão a nenhuma das paixões que essa aflição tende a suscitar. Não pode esperar a simpatia nem a indulgência de seus compatriotas por tal fraqueza (SMITH, 2019, p. 253).

Para Fleischacker (2011), a ideia de simpatia presente no pensamento smithiano consegue achar um bom meio termo para essa tensão entre uma moral relativista ou universalista. Neste sentido, conclui-se que esse pequeno relativismo nos costumes não se apresenta como um problema, uma vez que são diferenças particulares, mas que, se analisadas em última instância, pertencem aos mesmos princípios. No fim, as variantes da cultura e da religião possuem um ponto fixo na natureza humana e, portanto, respondem a ideia de simpatia enquanto elemento universal aos seres humanos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Smith inferiu a ideia de sentimentos morais e como eles afetam as decisões humanas. Seus pensamentos abriram caminho para uma teoria moral baseada em sentimentos. De acordo com Smith, uma das principais razões para o desenvolvimento de valores morais é baseada no conceito de simpatia. Essencialmente, a simpatia é a capacidade de experimentar uma situação ou emoção semelhante à de outra pessoa. Pessoas com fortes sentimentos morais são capazes de imaginar o que há de louvável ou de indignante em uma ação. Por outro lado, pessoas carentes de tais sentimentos são incapazes de entender melhor uma tomada de decisão e acabam por serem levadas mais pelo egoísmo. Desenvolver tais sentimentos é uma parte importante de se tornar um ser humano virtuoso.

Suas opiniões foram uma ótima síntese entre os princípios do Iluminismo de sua época e questões metafísicas que tradição filosófica, de forma geral, entende como inatas do ser humano. Para entendermos a natureza humana, Smith argumentou que precisamos de nossos sentimentos que já nascem conosco, porém só conseguimos ter uma sensação melhor do que eles são e representam, quando entramos em contato com os outros. Sem a sociabilidade não haveria ética. Entre os principais sentimentos, estão a simpatia e o amor-próprio. Por mais que em um primeiro momento, eles pareçam contrários, na verdade eles se complementam. A simpatia seria a característica de conseguimos nos imaginar no lugar do outro. Podemos perceber que geralmente temos isso de forma instantânea. Ver alguém levando uma pancada, faz-nos de forma espontânea recolhermos o mesmo membro que outro teve ferido, assim como fazemos as mesmas feições de dor. Isso acontece porque a simpatia é parte intrínseca do que é o ser humano. Assim como a alegria daqueles que amamos nos alegra. É por isso que o amor-próprio complementa essa ideia.

Conceitualmente, é fácil ver como uma compreensão do interesse próprio pode afetar nossas decisões éticas. Em muitas situações, agir no interesse de alguém pode ser uma ação ética; isso é especialmente verdadeiro se esse interesse levar a ganhos pessoais para o indivíduo envolvido. Por outro lado, tirar vantagem de alguém - mesmo que esse alguém o esteja explorando de forma oportunista -

pode ser antiético se causar sérios danos a essa pessoa. Compreender esse conceito pode ter consequências de longo alcance quando aplicado a situações da vida real.

Com base nessas ideias, desenvolver fortes sentimentos morais e prazer pode nos ajudar a tomar melhores decisões em relação à moralidade. Entender como impulsos como interesse e prazer influenciam nossas ações têm consequências à sociedade. Smith tinha princípios encontrados no estoicismo e nas teorias de Newton, que o ser humano e a própria realidade estão em sintonia, pois elas provêm da mesma fonte divina. Dessa forma, a verdade, que é a explicação da própria realidade, também me causa sensações boas e novamente, é motivo de minha admiração. A admiração estimula a imaginação e com isso todas essas coisas podem ser aprimoradas mais ainda.

REFERÊNCIAS

AURINO, Diego; PEDUZZI, Luiz O.Q.. O período de desenvolvimento da física newtoniana como contraponto às concepções e opiniões problemáticas a respeito do fazer e do conhecimento científico. **Revista Brasileira de Ensino de Física**

DUPUY, Jean-Pierre. **Ética e Filosofia da Ação**, 1ª edição. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

DWYER, John. **Virtuous Discourse: Sensibility and Community in Late Eighteenth Century Scotland**. Edinburgh: John Donald Publishers. 1987.

FLEISCHACKER, Samuel. Adam Smith and cultural relativism, **Erasmus Journal for Philosophy and Economics**, v 4, n 2, p. 20-41. 2011.

FUDGE, Robert. **Sympathy, Beauty, and Sentiment: Adam Smith's Aesthetic Morality**. Edinburgh University Press, 2009.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. São Paulo: Edipro, 2ªEd. 1999.

GANEM, Angela. Economia e filosofia: tensão e solução na obra de Adam Smith. **Brazilian Journal Of Political Economy**, [S.L.], v. 22, n. 4, p. 670-684, dez. 2002..

GRISWOLD, C. **Adam Smith and the Virtues of Enlightenment**. Cambridge University Press, 1999.

HARRISON, John R. Imagination and Aesthetics in Adam Smith's Epistemology and Moral Philosophy. **Contributions to Political Economy**, n 14, p. 91–112. 1995.

KAUPPINEN, Antti. What Makes a Sentiment Moral?. **Oxford Studies in Metaethics**. N 5, p. 225–256. 2010.

NEWTON, Isaac. **Óptica**, 1ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

REALE, Giovanni. **História da filosofia vol. 1.** São Paulo: Editora Paulus, 1990.

ROCHA, Zeferino. O desejo na Grécia Arcaica. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental.** n. 2, v. 4, p. 94-122. 2000.

SANCHES, Almir. **Teoria da justiça de Adam Smith: a confusão histórica entre justiça distributiva e caridade.** Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SMITH, Adam. **Teoria dos Sentimentos Morais,** 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

_____. **Lectures on rhetoric and belles lettres.** Indianapolis: Liberty Fund. 1985.

_____. **A riqueza das nações,** 1ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

SOARES, Luiz Carlos. **O mecanicismo newtoniano e as bases intelectuais da revolução industrial inglesa.** Rio de Janeiro: Editora 7 Letras. 2007.

VIVENZA, Gloria. **Adam Smith and the classics: the classical heritage in Adams Smith's thought.** New York: Oxford University Press. 2001.